

Quem são vocês que ensinam a ler e escrever? - Perfil de um grupo de professoras alfabetizadoras das escolas municipais de Barbacena

Elisabeth Gonçalves de Souza

Professora da rede pública municipal de Barbacena. Mestre em Educação pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Resumo

Nosso objetivo neste trabalho é apresentar o perfil sociocultural e pedagógico de um grupo de professoras alfabetizadoras que atua na rede pública municipal de Barbacena. Nossa análise parte de dados quantitativos levantados a partir de um questionário fechado e da análise qualitativa desses dados, contrastando-os com outros trabalhos de mesma ordem realizados na Região das Vertentes, em Belo Horizonte e na cidade de Recife. Buscamos tentar desvelar e, assim, compreender quem são essas docentes e quais são suas práticas pedagógicas, em especial, nas classes de alfabetização.

Palavras-chave: Perfil sociocultural; alfabetização; prática pedagógica.

Neste trabalho dedicaremos-nos a apresentar os dados referentes ao perfil sociocultural e pedagógico de um grupo de professoras que atua na rede pública municipal de Barbacena. Não se trata de um perfil representativo das professoras da rede municipal de Barbacena, uma vez que apenas 24 professoras participaram da coleta de dados¹.

A consolidação dos dados a partir do questionário dos docentes permite-nos perceber a formação, trajetória e perspectiva profissional, formas de organização e recursos que são utilizados por essas docentes em sala de aula, bem como suas participações nos processos de escolha dos livros didáticos de alfabetização. Como toda pesquisa implica um método procedimental, ou seja, a escolha de métodos e técnicas que permitem ao pesquisador colher e analisar os dados, utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário fechado. Pautamos-nos, principalmente, em dados quantitativos num primeiro momento. Porém, não nos interessou uma simples quantificação, mas uma análise qualitativa e mais detalhada das informações com vistas a compreender quem é o profissional que atua nas classes de alfabetização do município. É preciso ressaltar que os docentes não foram identificados, senão por códigos numéricos. Esse procedimento visa a uma observância das normas éticas que conduzem a pesquisa científica.

Além de esboçar o perfil dos docentes, pretendemos também realizar um estudo comparativo com outros trabalhos que se dedicaram a apreender o perfil de professores de diferentes redes de ensino do Brasil. Dentre esses estudos, podemos destacar os trabalhos de Albuquerque² (2002 *apud* MACEDO, 2004). A autora descreveu o per-

¹ Esses dados fazem parte de uma pesquisa maior, intitulada “Discursos de professoras sobre alfabetização: polifonia e contradição” orientada pela professora doutora Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo (UFSJ). Na referida pesquisa, esses dados são acoplados a outras informações com o intuito de analisar o discurso docente. Este artigo discute, porém, apenas o perfil.

² ALBUQUERQUE, E. B. C. *Apropriações de propostas oficiais de ensino de leitura por professores: o caso do Recife*. 381 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

fil dos professores de 1^a a 4^a série do ensino fundamental de Recife; Batista³ (1996 *apud* MACEDO, 2004) traçou o perfil descritivo dos professores de Português de 5^a a 8^a série, pertencentes à rede estadual de Minas Gerais. Gatti *et al*⁴ (1994 *apud* MACEDO, 2004) traçaram um perfil dos professores do ensino fundamental do Brasil a partir de uma amostra que abrangeu professores de São Paulo, Maranhão e Minas Gerais.

Há também os estudos de Macedo (2004) que traçaram, inicialmente, o perfil dos docentes da rede municipal de educação de Belo Horizonte e, posteriormente, dos professores da Microrregião Campo das Vertentes (MACEDO; SESSA, 2006), em Minas Gerais. Através do cruzamento de dados desses estudos e do perfil ora traçado, pretendemos perceber as semelhanças e diferenças através da inserção desses dados num contexto específico, produzindo, assim, sentidos a partir deles.

Gênero, faixa etária e estado civil

Contamos em nossa pesquisa com a participação de 24 docentes regentes dos anos iniciais do ensino fundamental do município de Barbacena. As escolas situam-se tanto na zona urbana quanto na rural.

Todos os docentes que responderam a pesquisa foram do gênero feminino. Em outros estudos realizados também em Minas Gerais, especificamente na região Campos das Vertentes (MACEDO, 2006), foram encontrados resultados semelhantes. Tais dados confirmam que o magistério das séries iniciais - especificamente nessa pesquisa, com professoras das classes de alfabetização - é uma atividade estritamente feminina desde o final do século XIX.

³ BATISTA, A. A. G. *Sobre o ensino de português e sua investigação*: quatro estudos exploratórios. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

⁴ GATTI, M. B. *et al*. Características de professores(as) de 1^o grau no Brasil: perfil e expectativas. *Educação e Sociedade*, Campinas, n. 48, p. 248-260, ago. 1994.

TABELA 1
Número de professores por faixa etária

Faixa etária	Nº de professores	%
20 – 30 anos	01	4,16
31 – 40 anos	13	54,08
41 – 50 anos	05	20,8
51 – 60 anos	01	4,16
Mais de 60	-	-
Não indicou	04	16,64
Total geral	24	100,00

No que se refere à faixa etária, temos um percentual mais significativo nos intervalos de 31 a 50 anos, sendo a faixa de 31 a 40 anos a mais expressiva. Isso nos aponta para um dado importante: essas docentes estavam em idade escolar no período das mudanças teóricas que emergiram no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, quando as questões acerca do cognitivismo começaram a ser discutidas e a alfabetização passou a ser repensada.

Os intervalos de 20 a 30 anos e de 51 a 60 anos ou mais são pouco representativos no conjunto, perfazendo um total de duas professoras.

TABELA 2
Caracterização das professoras por estado civil

Estado civil	Nº de professores	%
Solteiro	08	33,28
Casado	12	49,92
Viúvo		
Separado	01	4,16
Outro	03	12,48
Total geral	24	100,00

Quanto ao estado civil, 50% das professoras são casadas, significando a maior parte. A outra metade está dividida entre solteiras, separadas e outro. Podemos afirmar, com base nos dados da pesquisa e nos estudos

citados anteriormente, que a profissão docente é ocupada, em sua maior parte, por mulheres casadas, distribuídas na faixa etária entre 30 e 40 anos. No estudo de Macedo (2004), a faixa etária se amplia um pouco, vai até os 48 anos.

Escolaridade dos pais

Os dados da TAB 3 revelam, como já evidenciado por Macedo(2004), que a maior parte das professoras fazem parte da primeira geração que teve acesso à formação em nível superior. Cruzando os dados com o ano de conclusão da graduação, que veremos mais adiante, podemos perceber os efeitos da lei n. 9.394 de 1996, que exigia o nível superior dos professores das séries iniciais. Observamos uma crescente procura pela graduação a partir de 1997, ano posterior à promulgação dessa lei. Esses dados apontam um movimento ascendente na trajetória acadêmica das professoras em relação à sua família de origem.

No que tange a escolaridade dos pais, a maior parte não concluiu os anos iniciais do ensino fundamental. Há uma parcela significativa que concluiu o ensino médio.

TABELA 3
Relação: escolaridade do pai X número de professores

Escolaridade do pai	Nº de professores	%
Não indicou	05	20,80
Nenhum	-	-
Ensino fundamental até a 4 ^a	09	37,44
Ensino fundamental após a 4 ^a	-	-
Ensino fundamental completo	03	12,48
Ensino médio completo	04	16,64
Ensino médio incompleto	02	8,32
Superior completo	01	4,16
Superior incompleto	-	-
Total	24	100,00

TABELA 4
Relação: escolaridade da mãe X número de professores

Escolaridade da mãe	Nº de professores	%
Não indicou	01	4,16
Nenhum	-	-
Ensino fundamental até a 4 ^a	11	45,76
Ensino fundamental após a 4 ^a	03	12,48
Ensino fundamental completo	05	20,8
Ensino médio completo	-	-
Ensino médio incompleto	04	16,64
Superior completo	-	-
Superior incompleto	-	-
Total	24	100,00

A partir da análise das duas tabelas, observamos que os grupos familiares são de baixa escolarização, sendo expressivo, na maior parte, o número de pais que concluíram os anos iniciais do ensino fundamental (4^a série). Na segunda posição, temos aqueles que concluíram os anos finais do ensino fundamental, no caso do pai, 12,48% e no da mãe, 20,8%. Nesse item, especificamente, o número de mães que concluíram o ensino fundamental completo supera o de pais. Os dados relativos ao ensino médio demonstram que 16,64% dos pais e 8,32% das mães concluíram essa faixa de escolaridade. A respeito do ensino superior, apenas um pai o concluiu.

Em síntese, podemos afirmar que as docentes participantes da pesquisa pertencem a grupos familiares com baixa escolarização e que não há diferenças significativas entre os níveis de escolaridade do pai e os da mãe. Levando-se em conta a tabela que trata da faixa etária e fazendo relações entre a idade dos pais e das docentes, podemos concluir que essas famílias pertencem a uma geração que teve acesso restrito ao sistema educacional devido às políticas de ampliação das oportunidades escolares, que sempre foram pouco abrangentes.

Os dados levantados são semelhantes aos resultados de

Macedo (2004), Gatti *et al.* (1994), Batista (1997) e Albuquerque (2002).

Formação acadêmica inicial

Entendemos que a teoria e a prática complementam-se. Daí a necessidade dos professores em geral estarem sempre se atualizando e buscando adquirir novos conhecimentos que sejam utilizados no cotidiano da sala de aula. Alia-da à necessidade constante de atualização, emergem as questões legais. Com o objetivo de qualificar o quadro do magistério das séries iniciais, percebemos alguns movimentos que se desenvolveram durante o século XX. Inicialmente apontamos o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, de 1932, que defendia a necessidade de curso superior para a formação dos docentes das séries iniciais. Porém, a instalação dos governos ditatoriais no país e a lentidão para aprovar leis referentes à educação fizeram com que, apenas em 1996, tornasse obrigatória a formação superior dos professores das séries iniciais do ensino fundamental. A determinação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) fez com que houvesse uma maior busca das licenciaturas e do curso de Pedagogia. Fez ainda que surgisse o curso Normal Superior. Este curso, diferentemente da Pedagogia que formava o especialista e o docente, habilita, especificamente, para o exercício na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental.

A TAB 5 evidencia o movimento crescente dos professores em busca de uma qualificação de nível superior, movimento esse que vem se consolidando a partir da década de 1990.

TABELA 5
Trajetória escolar

Nível de escolaridade	Nº de professores	%
Ensino médio curso normal	02	8,32
Ensino superior	22	91,68
Pós-graduação <i>lato sensu</i>	12	50,00
Total	24	100,00

É expressivo o número de professoras com curso superior. Com base em estudos anteriores (SOUZA, 2007), podemos concluir que o quadro de professores da rede municipal de educação de Barbacena é, em sua maioria, composto por professoras com cursos de graduação, sendo expressivo o número de docentes que cursaram Pedagogia e Normal Superior como podemos comprovar na tabela.

Outro fator que se soma à busca pela formação são os benefícios financeiros advindos de uma melhor qualificação. No caso específico do município de Barbacena, os profissionais da educação têm incorporado aos salários uma bonificação pelo curso superior e pela especialização. No entanto, o Estatuto do Magistério Municipal não é mencionado, mas os casos de pós-graduação *strictu sensu*.

TABELA 6
Relação: número de professores X curso de graduação

Curso de graduação	Nº de professores	%
Pedagogia	09	41,50
Matemática	02	9,00
Letras	02	9,00
Língua Portuguesa	01	4,50
Normal Superior	04	18,00
Psicologia	01	4,50
Direito	01	4,50
Não especificado	02	9,00
Total geral	22	100,00

A TAB 6 demonstra que 18 das 22 professoras que possuem curso superior, graduaram-se em licenciaturas, tornando as séries iniciais um espaço ocupado por profissionais qualificadas.

O curso de Pedagogia predomina, seguido pelo Normal Superior. Juntos, perfazem um total de 59,5%. Existem ainda aquelas docentes que, primeiramente, tornaram-se bacharéis e, posteriormente, optaram pela licenciatura. A maioria das professoras graduou-se na Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac). No caso específico dessa pesquisa, a

Unipac era a única agência formadora da cidade até o ano de 2002, quando se instalou a UEMG com o curso Normal Superior, específico para a formação de professores.

TABELA 7
Relação: curso de pós-graduação X número de perguntas

Curso de pós-graduação	Nº de perguntas	%
Docência superior	01	8,33
Supervisão	02	16,66
Educação especial	01	8,33
Psicopedagogia	05	41,65
Educação inclusiva	02	16,66
Língua e literatura	01	8,33
Total geral	12	100

Das 24 professoras pesquisadas, 12 possuem especialização *lato sensu*. Igualmente à questão da graduação, apontamos a necessidade de contínua capacitação profissional como mola propulsora para a realização de tal especialização. Somados a essa questão, temos também o incentivo do Sistema Municipal de Educação, dado através do Estatuto do Magistério, que proporciona gratificação ao docente em exercício da função. Essa é uma das políticas de valorização do magistério, também presente na LDB, lei n. 9.394 de 1996.

Dentre os cursos apontados, predominam os de Psicopedagogia, seguidos pelos de Supervisão Escolar e Educação Especial. Dentre as instituições mais procuradas para a realização do curso está a Unipac, cuja sede no município é a responsável pela maioria dos cursos de pós-graduação ofertados. A segunda instituição mais procurada é a Universidade Castelo Branco, que oferece cursos semi-presenciais.

Em relação aos custos, a prefeitura municipal contribui com uma ajuda de, em média, 25% do valor do curso, repassados ao docente pela Secretaria Municipal de Educação como forma de incentivo. Esse incentivo, ainda que não custeie a totalidade do valor investido, configura uma política de formação em serviço. Como nossa pesquisa discute a al-

fabetização, chamou-nos a atenção o fato de apenas uma docente ter especialização que enfatiza o ensino da leitura e escrita (Língua e Literatura), uma vez que configura o espaço de atuação dessas professoras. Atribuímos a ausência dessa qualificação à pouca oferta desses cursos na região, pois o curso com maior índice de escolha, Psicopedagogia, é o mais ofertado tanto no município de Barbacena quanto em outras cidades, acontecendo sempre aos finais de semana, o que facilita a participação do docente. Outra hipótese que explicaria a busca pelo curso de Psicopedagogia pode estar ligada ao desejo de atuar em outra área no espaço do magistério, não ligada à atuação em sala de aula.

Percebemos que nenhuma das professoras apresenta pós-graduação *stricto-sensu*. Isso pode ser atribuído à distância dos cursos (os mais próximos são em Juiz de Fora e em São João del-Rei: apenas recentemente foi instalado um Programa de Mestrado em Educação em Barbacena pela Unipac), à falta de políticas específicas para esse tipo de especialização, ou mesmo, às questões de custos e tempo disponível.

Qualificação docente

A quase totalidade das professoras pesquisadas, 23, participou de cursos de aperfeiçoamento. Apenas uma professora alegou não ter participado.

TABELA 8
Participação em cursos e projetos de aperfeiçoamento

Participação em cursos/ projetos de aperfeiçoamento	Nº de professores	%
Sim	23	95,80
Não	1	4,20
Total	24	100,00

Em relação aos cursos realizados, o mais procurado foi: os Parâmetros Curriculares em Ação, oferecido pela Secretaria Municipal de Educação em parceria com o Ministério da Educação. O segundo mais procurado foi também uma parceria desenvolvida entre o município e o governo fede-

ral: o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (Profa), que objetivava a capacitação de alfabetizadores, utilizando os referenciais de Emilia Ferreiro e Paulo Freire, numa linha sociointeracionista. Em relação aos cursos frequentados pelas pesquisadas, há uma predominância dos que são oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação, transformando esta na principal agência de formação continuada. Não há, porém, um setor específico dentro da secretaria que trate unicamente da formação docente. É mister destacar também os cursos de extensão oferecidos pelas universidades sediadas na cidade. A Unipac ofereceu cinco cursos no último ano através de uma parceria com a prefeitura municipal. A UEMG também disponibilizou um curso destinado a alfabetizadores através de um programa de extensão universitária.

Exercício da profissão

Em relação ao tempo de exercício na profissão, 50% das docentes, isto é, 12 professoras, exercem o magistério há mais de dez anos, o que lhes confere certa experiência na docência. As séries iniciais não são compostas por professoras iniciantes, nossos dados apontam apenas 4,16%, o que equivale a uma docente exercendo a profissão entre um e três anos. Esses dados são confirmados também em pesquisas realizadas por Macedo (2004; 2006) na rede municipal de Belo Horizonte e no Campo das Vertentes.

TABELA 9
Relação: Tempo de exercício
na profissão X número de professores

Tempo de exercício profissional	Nº de professoras	%
Entre um e três anos	01	4,16
Entre três e seis anos	03	12,48
Entre seis e dez anos	08	33,28
Mais de dez anos	12	50,00
Total	24	100,00

Cruzando os dados da tabela referente à faixa etária (TAB1), que nos apresentou o intervalo de 30-49 anos como o mais significativo, temos dados coerentes: professores acima dos 30 anos de idade com 10 anos ou mais de profissão. Como explicitado anteriormente por Macedo (2004), não se pode afirmar que o tempo de serviço refira-se exclusivamente à rede municipal, pois esse item não foi tratado no questionário. Analisando os dados da tabela sobre o tempo de exercício na profissão e confrontando-os com as informações referentes às escolas em que trabalha, podemos verificar que a maioria exerce a profissão na rede municipal, sendo insignificante o número de professoras que indicaram outra escola, seja da rede estadual ou particular.

Tempo de trabalho na escola

Um dos grandes problemas relativos à educação é a permanência dos professores na comunidade escolar. A grande mobilidade dos docentes interfere, de certa forma, no desempenho, uma vez que é necessário compreender o meio em que o aluno está inserido. Em relação à alfabetização, a baixa rotatividade entre os professores favorece uma maior integração com a comunidade escolar e permite uma leitura ampla do contexto sociocultural da escola. O esboço de perfil do docente alfabetizador por nós apresentado revelou que, apesar de certa mobilidade (pois 37,44% dos professores estão na escola no intervalo entre um e três anos), grande parte (65,56%) permanece há mais de três anos no mesmo estabelecimento. Essa situação pode ser explicada pela realização de um concurso público em 1998, que nomeou 203 novos profissionais para as escolas do município. Efetivos e lotados em determinada unidade de ensino, a rotatividade docente diminuiu, o que facilitou a consolidação das práticas ligadas ao contexto específico da escola e a troca de experiências entre pares.

TABELA 10

Relação: Tempo de trabalho na escola X número de professores

Tempo de trabalho na escola	Nº de professores	%
Entre um e três anos	09	37,44
Entre três e seis anos	05	20,80
Entre seis e dez anos	08	33,28
Mais de dez anos	02	8,32
Total	24	100,00

A maioria das professoras trabalha com a alfabetização há mais de dez anos. Observados os dois últimos intervalos, 14 docentes pesquisadas atuam há mais de seis anos nas classes de alfabetização. Assim como nos estudos de Macedo (2006), podemos concluir que essas docentes não têm variado as séries, acumulando uma experiência expressiva de trabalho específico na área da alfabetização.

TABELA 11

Relação: Número de professoras X tempo de trabalho com alfabetização infantil

Tempo de trabalho com crianças em alfabetização	Nº de professoras	%
Entre um e três anos	05	20,80
Entre três e seis anos	02	8,32
Entre seis e dez anos	08	33,28
Mais de dez anos	09	37,44
Total	24	100,00

Ainda que 37,44% estejam trabalhando com as classes de alfabetização há mais de dez anos, encontramos um percentual expressivo (29,12%) de professoras com menos de seis anos de experiência nessas classes. Esses dados também equivalem aos estudos de Macedo (2004) que, em sua análise na rede municipal de Belo Horizonte, encontrou índices aproximados.

O percentual de professoras que trabalham em apenas uma escola é considerável e, diferentemente do perfil levantado por Macedo (2004), essas docentes realizam suas

funções em um único turno. É pouco comum encontrarmos no município de Barbacena professoras que dobram o turno na mesma escola municipal.

TABELA 12
Relação: Quantidade de escolas em que
trabalha X número de professores

Nº de escolas de atuação	Nº de professores	%
Uma	15	62,40
Duas	08	33,28
Três	01	4,16
Total	24	100,00

A respeito das professoras que trabalham em duas escolas, 33,28% delas oscilam entre escolas da rede municipal da cidade de Barbacena (três docentes), de Antônio Carlos (duas docentes) e de Santa Bárbara do Tugúrio (uma docente), cidades estas próximas a Barbacena. Aquelas que trabalham na rede municipal e estadual perfazem um percentual de 8,32% (duas docentes), que exercem seu segundo cargo na rede estadual, atuando nas séries finais do ensino fundamental. Apenas uma docente (4,16%) relatou trabalhar em três escolas, todas municipais. Esse fato se deve à docente exercer o cargo de professora das séries iniciais e também lecionar nos anos finais do ensino fundamental em mais duas escolas.

Forma de organização dos trabalhos e dos alunos em sala de aula

A análise desta pesquisa focaliza as concepções de alfabetização das docentes. Portanto, perceber como essas professoras organizam os trabalhos de sala de aula e como dispõem seus alunos para o trabalho com a alfabetização e letramento muito pode contribuir na análise do objeto deste estudo, o discurso dos docentes acerca da alfabetização.

A respeito das formas de organização dos alunos, foi possível perceber que as docentes fazem uso de formas diversificadas, adotando a aula expositiva, formas indivi-

duais e coletivas como pequenos grupos e duplas. Nenhuma professora apontou o uso exclusivo da aula expositiva, ela aparece agregada a outras formas coletivas. Apenas três das docentes não utilizam a aula expositiva e privilegiam as formas coletivas, buscando atividades de interação.

Em comparação com o trabalho de Macedo (2004), a maioria das professoras pesquisadas na rede municipal de Belo Horizonte adotavam, principalmente, formas coletivas e negavam o uso da aula expositiva exclusivamente. A pesquisa por nós realizada aponta a mesma perspectiva, qual seja, a maioria conjuga a aula expositiva com outras formas coletivas de organização.

A respeito das formas predominantes, temos a aula expositiva e formas coletivas de organização como o item mais citado, perfazendo um total de 83,20%. A segunda forma mais apontada foi a organização em pequenos grupos (12,48%).

TABELA 13
Formas de organização do trabalho pedagógico em sala de aula

Formas de organização do trabalho em sala de aula	Total	%
Aula expositiva	-	-
Aula expositiva e debates	01	4,16
Aula expositiva e formas coletivas de organização	20	83,20
Não usam aula expositiva, apenas formas coletivas de organização (pequenos grupos, duplas, rodinha, debates)	03	12,48
Total	24	100,00

Frequência de organização em pequenos grupos

De acordo com os dados coletados, 41,60% das professoras optam por organizar a classe em pequenos grupos diariamente e semanalmente. Apenas quatro docentes afirmam organizar ocasionalmente a turma em pequenos grupos. Reconhecemos que as categorias ocasionalmente e rara-

mente são muito similares, o que pode justificar a ausência de indicação da categoria raramente. Esses dados demonstram uma apropriação do discurso pedagógico construído nas últimas décadas e que enfatiza o uso de formas que facilitem a interação dos alunos.

TABELA 14
Número de professoras e frequência com
que realizam organização em pequenos grupos

Frequência	Nº de professores	%
Todos os dias	10	41,60
Semanalmente	10	41,60
Ocasionalmente	04	16,64
Raramente	-	-
Total	24	100,00

Frequência da organização em duplas

Na organização em duplas, as categorias semanalmente e ocasionalmente são mais enfatizadas (74,88%) em comparação com a categoria diariamente (24,96%). Cruzando os dados com a tabela anterior, podemos verificar que, de acordo com os dados levantados, predomina a organização diária em pequenos grupos. A categoria raramente não foi apontada por nenhuma professora, confirmando, portanto, a variação das formas de organização dos alunos pelas professoras e a adoção do discurso pedagógico presente, sobretudo, em cursos de formação que enfatizam a utilização das formas coletivas.

TABELA 15
Número de professoras e frequência com que realizam
organização em duplas

Frequência	Nº de professoras	%
Todos os dias	06	24,96
Semanalmente	09	37,44
Ocasionalmente	09	37,44
Raramente	-	-
Total	24	100,00

A escolha dos livros didáticos

Em relação ao processo de escolha do livro didático, percebemos que 66% das professoras participaram da escolha. Mas chama-nos a atenção o número de docentes que não participaram, o qual consideramos expressivo, uma vez que, de acordo com a TAB 9 que registra o tempo de serviço das docentes na mesma escola, 34% delas trabalhavam na escola em 2006, ano do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Como esse aspecto não foi considerado pelo questionário, não podemos avaliar os motivos.

Um dos recursos mais utilizados pelas docentes é o livro didático. Ele apresenta-se como um valioso material em sala de aula. Desde 1985 é dada à comunidade escolar a responsabilidade de escolher as obras que serão utilizadas pelos alunos. A partir de 1996, as obras são selecionadas por uma comissão de avaliação antes de chegar às escolas, com o objetivo de apenas distribuir livros de qualidade que atendam aos critérios estabelecidos previamente pelo Ministério da Educação (MEC). Porém, é a comunidade escolar, e em especial o professor, que tem a responsabilidade de escolher o livro que melhor se adéque à realidade escolar. No que tange ao processo de escolha do livro didático das séries iniciais do ensino fundamental, no ano de 2006, temos o seguinte:

TABELA 16
Relação: Participação na escolha do livro didático X
número de professoras

Participação no processo de escolha do livro didático	Nº de professoras	%
Não participou do processo de escolha do livro didático	08	34,00
Participou do processo de escolha do livro didático de 2006	16	66,00
Total geral	24	100,00

Nossa análise aponta para uma participação significativa dos docentes no processo de escolha, mesmo com um número expressivo de professoras que alegaram não participar. A não participação pode ser atribuída a afastamentos temporários por licença, contratações iniciadas a partir de 2007, entre outros motivos. Ainda assim, os dados nos revelam um aparente processo democrático com participação significativa da comunidade escolar, como é solicitado pelo MEC. Avaliamos, no entanto, que somente uma pesquisa da prática de escolha dos livros poderá indicar de forma mais efetiva o que ocorre e como ocorre o processo de escolha.

TABELA 17
Utilização do livro didático em sala:
frequência X número de professores

Frequência	Nº de professores	%
Alguns dias da semana	12	49,92
Uma vez por semana	01	4,16
Todos os dias	05	20,80
Ocasionalmente	02	8,32
Raramente	03	12,48
Nunca	-	-
Não citou	01	4,16
Total	24	100,00

Sobre a frequência do uso do livro didático, os dados são bastante reveladores. Eles apontam um uso alternado do livro didático, a pesquisa nos evidencia a inserção de outros materiais de alfabetização na rotina escolar. As docentes utilizam outros materiais para o planejamento de sua aula, tais como: outro livro didático; o livro didático do professor; revistas, jornais e periódicos; manual do professor; livros especializados com diferentes áreas do conhecimento; Proposta Curricular; TV Educativa; enciclopédias. No caso de outros materiais, durante a pesquisa, a professora tinha que especificar qual utiliza. Como se pode ver na TAB 18.

TABELA 18
Outras informações utilizadas para planejamento da aula⁵

Informações utilizadas para planejamento da aula	Ocorrências
Outro livro didático	21
Revistas, jornais e periódicos	24
Livros especializados em diferentes áreas do conhecimento	19
TV Educativa	03
Enciclopédia	01
Outro (especificar): músicas, poemas, livros literários, vídeos, livros do Ceale, PCN's, folhetos, panfletos, cartazes de propagandas, atividades dos cursos e experiências relatadas	05
Total geral	76

Relacionando com os dados anteriores, podemos observar que as professoras utilizam outros recursos didáticos para planejamento de suas aulas. Elas buscam variar os materiais, garantindo a diversidade textual. Isso indicaria uma forma de apropriação dos discursos sobre letramento e alfabetização circulantes nos cursos de formação continuada e nas políticas públicas. Assim, atendem à proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), que sugere atividades que privilegiem os inúmeros gêneros presentes na sociedade com a finalidade de proporcionar ao leitor o contato com uma diversidade textual ampla. Permitir a exploração, em sala de aula, desses elementos “significa propiciar oportunidades aos alunos para ampliar e aprimorar suas competências linguísticas, adaptando-as às exigências da sociedade, tornando-a uma pessoa mais seletiva, analisadora e usuária desse material” (BRASIL, 1997, p. 37). Além dos PCNs, os cursos como, por exemplo, o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (Profa) e o Programa de Formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do Ensino Fundamental (Pro-

⁵ Os dados levantados foram das 24 professoras, que relataram mais de uma opção.

Letramento) também apontam a diversidade textual como um princípio de ação para a prática alfabetizadora.

Livros adotados e utilizados pelas professoras

Muitas informações acerca da concepção de alfabetização do docente podem ser reveladas através do livro que o professor utiliza e dos materiais que agrega a sua rotina. A respeito das escolhas e do uso dos livros didáticos, temos o seguinte:

TABELA 19

Livros didáticos adotados pelos professores no PNLD⁶ 2007

Livros didáticos	Ocorrências	%
Viver e aprender	1	4,16
Porta Aberta	13	54,08
Projeto Pitangua	2	8,32
Lep	2	8,32
A grande aventura	1	4,16
De olho no futuro	1	4,16
Não citou	4	16,64
Total	24	100

Optamos por esboçar a classificação das obras de acordo com o Guia do Livro Didático, instrumento criado para auxiliar os docentes no processo de escolha dos livros. Nossa opção justifica-se pelo fato de o guia basear os exames das obras nas recomendações dos PCN's.

O guia apresenta-se dividido em três categorias, sendo elas: 1) livros que abordam de forma desigual os diferentes componentes da alfabetização e do letramento; 2) livros que abordam de forma equilibrada os diferentes componentes da alfabetização e do letramento; 3) livros que privilegiam a abordagem da apropriação do sistema de escrita. Cada uma dessas categorias apresenta as resenhas das obras. Isso facilita o processo de escolha pelos professores.

A respeito das obras escolhidas pelos professores temos

⁶ Programa Nacional do Livro Didático.

o seguinte: uma docente escolheu o livro *Viver e aprender*, que se insere na categoria 1; outras quatro docentes apontaram o mesmo livro, *Lepe A grande aventura* que se insere na categoria 2; a obra mais adotada, *Porta Aberta* insere-se na categoria 3. Este livro configura em 54,08% dos livros citados, mais da metade das obras escolhidas.

De acordo com as informações acima descritas, podemos observar que a maioria dos títulos relaciona-se com a categoria 3. São livros que privilegiam a apropriação do sistema de escrita. De acordo com o esboçado no guia “esses livros combinam ao princípio geral da transmissão de conhecimento, princípios dos métodos da silabação ou da palavração, nos quais o estudo da sílaba é tomado como foco” (BRASIL, 2006, p. 233). Ao observar o quadro-síntese do bloco três do guia, o que aqui denominamos de categoria e reflexão três no que tange à abordagem metodológica, os processos de reflexão e contextualização são pouco abordados na maioria das obras:

Embora se reconheça que as obras focalizem um ponto fundamental do processo de alfabetização, que é o domínio das relações entre fonema e grafema, os livros deste bloco tendem a valorizar mais o eixo da decodificação pela decomposição de palavras em sílabas. Isso significa que a proposição de atividades significativas de uso e de reflexão sobre a escrita fica secundarizada, exigindo atenção do(a) professor(a) para a realização de trabalho complementar (BRASIL, 2006, p. 233).

Podemos observar, portanto, que as escolhas dirigem-se para o uso de métodos ligados aos domínios das relações entre fonema e grafema, eixo da decodificação. Os processos de reflexão precisam ser complementados pelos professores no cotidiano da sala de aula.

Considerações finais

A partir da análise dos dados coletados, concluímos que os sujeitos participantes da pesquisa são do gênero feminino, a maioria tem entre 30 e 50 anos de idade, tem pais com uma escolaridade baixa e, ainda assim, superou

as dificuldades de ingresso e permanência na escola, fato comum na época em que estudou, entre as décadas de 1970 e 1980. Mais de 90% das docentes pesquisadas concluíram o ensino superior, muitas delas o concluíram a partir da implementação da lei n. 9.394 de 1996, que definiu as diretrizes e bases da educação nacional. Isso demonstra como as intervenções legais afetam diretamente a vida profissional, neste caso específico, dos professores.

A ampliação do acesso ao ensino superior contribui para a formação profissional, bem como para o repensar das práticas pedagógicas circulantes. Percebemos, no decorrer da análise, como os discursos circulantes no meio acadêmico se fazem presentes nos discursos das professoras. Vale ressaltar que essas professoras, para cumprirem um preceito legal ou mesmo a própria vontade de se qualificar, enfrentaram uma dificuldade extra: a falta de universidade pública em Barbacena. Isso porque a primeira universidade pública instalou-se na cidade apenas em 2002, quando muitas dessas professoras já haviam se formado ou já estavam em processo de formação superior.

Das professoras com curso superior completo, 50% já concluíram pelo menos um curso de pós-graduação, nível de especialização. Nenhuma delas participa ou já participou de cursos *strictu sensu* por diversos fatores dentre os quais destacamos: a falta de cursos dessa modalidade em universidades públicas na cidade e de políticas de governo que incentivem a participação dos professores com reflexo na melhoria da sua remuneração. Outro ponto a destacar é que essas docentes participam frequentemente de cursos de aperfeiçoamento e se dedicam há mais de 10 anos às classes de alfabetização.

Quanto à prática pedagógica, essas docentes afirmam manter diversas formas de organização da sala de aula, buscando possibilidades diversas de ensino-aprendizagem, não se orientando apenas pelas formas convencionais da sala de aula, alunos enfileirados. A presença de formas diversas de organização em sala de aula demonstra a apro-

priação do discurso construtivista, que prega uma maior interação entre os alunos e a formação de grupos de trabalho em sala de aula.

A respeito dos materiais presentes em sala de aula, essas docentes aproveitam os diversos tipos e gêneros textuais em atividades variadas, conforme expressaram no questionário do perfil. A inserção da diversidade textual demonstra outra apropriação, uma voz que vem, sobretudo, dos PCNs e dos Cadernos do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale).

O fato de relatarem a introdução de materiais diversos, que aponta para um trabalho com a diversidade textual, não quer dizer que a alfabetização seja trabalhada na perspectiva do letramento. Isso demonstra apenas que esses textos circulam na sala de aula. Para se saber qual o tratamento dado a esses textos, torna-se necessária uma nova investigação, que acompanhe a prática dessas professoras.

A respeito do livro didático, as pesquisadas o percebem como um excelente material de apoio, indispensável na sala de aula, mas têm clareza de que apenas o seu uso não é suficiente, evidenciando outra voz que circula nos sistemas educacionais. Sobre o processo de escolha do livro didático, essas professoras têm boa participação e apontam que o tempo disponibilizado para as discussões das coleções é insuficiente, o que vêm prejudicando a escolha de livros mais adequados à realidade da escola. Cremos que a insuficiência do tempo para discussões mais profundas vem contribuindo para que as professoras escolham um livro didático que privilegie a aquisição do processo de escrita em detrimento de livros que trabalhem de forma equilibrada a alfabetização e o letramento.

Essas docentes são, portanto, profissionais com formação adequada para a profissão docente e não se limitaram aos estudos iniciais, buscam a formação continuada como forma de aperfeiçoamento. Além disso, elas aliaram esses saberes à experiência profissional num processo de re-elaboração constante dos demais saberes circu-

lantes nos espaços de formação. Nesse movimento de agregar saberes derivados de instâncias diversas, as docentes vão gradativamente deixando marcas de suas subjetividades, marcas únicas que vão se evidenciando na forma como planejam as aulas, percebem os alunos em sala, lidam com os problemas diários.

Referências

ALBUQUERQUE, E. B. C. *Apropriações de propostas oficiais de ensino de leitura por professores: o caso do Recife*. 361 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1998. 203 p.

ANDRÉ, M. E. D. A; LUDKE, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 2004.

BATISTA, A. A. G. *Sobre o ensino de português e sua investigação: quatro estudos exploratórios*. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

BATISTA, A. A. G.; VAL, M. da G. C. (Org). *Livros didáticos de português: os professores e suas escolhas*. Ceale. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Guia dos livros didáticos: alfabetização e Letramento/Secretaria de Educação Básica*. Brasília, 2006.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

FERREIRO, E.; TEVEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Tradução de Diana Myrian Lichtenstein; Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

GALLO, S. *Pedagogia do risco*. São Paulo: Papirus, 1995.

GATTI, M. B. *et al.* Características de professores(as) de 1º grau no Brasil: perfil e expectativas. *Educação e Sociedade*, Campinas, n. 48, p. 248-260, ago. 1994.

GRAFF, H. J. *Os labirintos da alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

LEAL, M. C. *Apropriação do discurso de inovação curricular de química por professores do ensino médio*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MACEDO, M. do S. A. N.; MORTIMER, E. F. Perfil dos professores do primeiro ciclo; questões socioculturais e pedagógicas. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.87, n. 215, 29-43, Jan/Abril. 2006.

MACEDO, M. do S. A. N. *Interações e práticas de letramento em sala de aula: o uso do livro didático e da metodologia de projetos*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

ROMANELLI, O. de O. *História da educação no Brasil*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

SOUTO, K. C. N. *As concepções de alfabetização e letramento nos discursos e nas práticas de professoras alfabetizadoras: um estudo de caso em uma escola municipal de Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 327 p.

_____. Ambigüidade do saber docente nas reformas relativas à formação universitária para o magistério. *Revista Vertentes*, n. 15, p. 7-21. São João del-Rei, jan./jun. 2000.

Who are you that teach how to read and write? A profile of a group of literacy teachers of municipal schools in Barbacena

Abstract

The aim of this paper is to present a social, cultural and pedagogical profile of a group of literacy teachers who work in the municipal public schools in Barbacena. Our analysis depart from quantitative data, obtained from a questionnaire and the qualitative analysis of those data, contrasting them with other works done in the region of Vertentes, Belo Horizonte and Recife. We tried to reveal, and thus understand, who are those teachers and what are their pedagogic practices with literacy groups.

Keywords: Social and cultural profile; literacy; pedagogic practice.

Artigo recebido em: 15/12/9

Aprovado para publicação em: 30/3/10